

Relato de experiência do PIBID de Geografia da UFGD As Desigualdades Sociais por meio de imagens.

**Daniel Araújo de Freitas - UFGD – dafsma@gmail.com
Vanessa Reis Narciso – UFGD - vanessa.reis17@hotmail.com***

Silvana de Abreu - UFGD - sabreu@ufgd.edu.br**

RESUMO

O presente artigo propõe refletir acerca do uso da linguagem imagética, especialmente a fotográfica e fílmica, como instrumento de ensino de Geografia, do nível médio. Trata-se de práticas pedagógicas desenvolvidas a partir do tema transversal “desigualdades sociais”, elaboradas no interior das atividades desenvolvidas dentro do projeto PIBID de Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados. Vivemos em um mundo essencialmente imagético. Diariamente as informações chegam até nós por meio das mais diversas linguagens imagéticas, que são carregadas de significados, sugerindo e orientando nossas ações, pensamentos, opiniões. Estas imagens tem o olhar de quem às produz. O ângulo, o foco, a cena, que carrega de forma mais ou menos evidente, uma mensagem, uma ideia, que reproduz um interesse que pode ser de transformação, de resistência em nossa sociedade, como para conservar, difundir e ampliar um interesse hegemônico. Assim, conhecer e pensar as desigualdades sociais no mundo e a partir do seu próprio espaço demanda uma alfabetização geográfica através da paisagem, interpretando o que passa geralmente despercebido pelo olhar apressado do dia a dia. Nesse sentido, propusemos aos estudantes do primeiro ano do Ensino Médio matutino, na Escola Estadual Alcício Araújo, (Dourados-MS), que captassem imagens por meio de fotografias e vídeos para que se possa, por meio deste recorte da paisagem, perceber as desigualdades sociais, partindo das premissas de Milton Santos, que considera três mundos globalizados num só: o mundo como fábula, como perversidade e como possibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Pibid de Geografia; linguagem imagética e ensino de geografia; desigualdades sociais.

* Acadêmicos do Curso de Geografia/UFGD. Bolsistas do PIBID Geografia/UFGD – Programa de Bolsa de Iniciação à Docência/CAPES.

** Profª Associada UFGD e Coordenadora (de área) do PIBID de Geografia/UFGD. O projeto de Geografia conta com duas coordenadoras, 24 bolsistas e quatro supervisoras e existe desde 2009. Desde o primeiro projeto apresentado, em 2009, passando pelo que está em execução (2013) as diferentes linguagens constituem o núcleo de atuação e de formação dos acadêmicos do curso de geografia (FCH/UFGD). Sobre Pibid ver: www.capes.gov.br/educação-basica/capespibid

Apresentação

O Programa Institucional De Bolsa De Iniciação a Docência - (PIBID) consiste em um Programa de grande relevância para a inclusão do licenciando no contexto escolar, com capacidade de aproximar as teorias adquiridas na universidade com a vivência da comunidade escolar e do ensino na rede pública, propiciando, dessa forma, a interação entre teoria e prática. O PIBID de Geografia da UFGD tem como objetivo contribuir para a formação inicial de professores, propiciando aos "pibidianos" experiências didático-pedagógicas, reflexões teóricas e a utilização de diferentes linguagens, como a fotográfica e a fílmica, como instrumentos para fomentar a relação ensino-aprendizagem, relacionando a realidade do aluno, o conhecimento em extensão, conceitos, noções e valores a serem construídos. Assim, para Callai:

A Geografia que o aluno estuda deve permitir que o aluno se perceba como participante do espaço que estuda, onde fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento (...) O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando e não fora, deslocado e ausente daquele espaço, como é a Geografia que ainda é muito ensinada na escola: uma Geografia que trata o homem como um fato a mais na paisagem, e não como um ser social e histórico. (Callai (1999, p.58).

Concordamos com a autora, para contribuir na viabilização de um ensino que considere e parta de tais premissas, o PIBID Geografia da UFGD tem buscado utilizar diferentes linguagens e diálogos com os estudantes para tratar de temas inerentes a esta ciência e suas conexões, mas fundamentalmente, sobre ser e viver na sociedade, trabalhar e produzir espaços e relações. Esse é um processo que ocorre no interior da formação dos pibidianos nas atividades formadoras. E se coloca também por meio do planejamento (planos de aulas) e intervenções dos acadêmicos nas escolas, supervisionados pelas professoras de geografia das escolas e orientados pela coordenadora de área de Geografia. Esse é o tripé com que trabalha o PIBID e que têm como objetivo, ao mesmo tempo, formar professores e contribuir para melhoria da escola básica: professores universitários - acadêmicos - professores da escola.

Kaercher (2007) chama a atenção para a necessidade de se compreender a Ciência Geográfica como ramo científico social que, ao ser estudado, deve considerar o aluno e a sociedade em que este é partícipe. Não pode ser uma coisa alheia, distante, desligada e desconectada da realidade, um amontoado de assuntos, conteúdos ou temas soltos e/ou fragmentados, sempre defasados ou de difícil compreensão pelos estudantes. Ela não pode ser feita apenas de descrições de lugares distantes ou de fragmentos do espaço. Dessa forma, foi pensado como proposta avaliativa tanto dos acadêmicos, quanto dos estudantes da escola, a possibilidade de se produzir uma apresentação da realidade vivida do aluno, através de fotografias ou vídeos, das redondezas de suas casas e/ou do bairro da escola.

Isso vem a ser uma contraposição ao tipo de ensino padronizado e *conteudista*, que se torna desconexo da realidade imediata dos alunos, pois se torna necessário trazer e evidenciar as vivências espaciais dos alunos. Assim, demonstrar como os próprios

alunos estão participando da produção do espaço, seja ela numa referência mais geral, das lógicas espaciais dominantes, seja no sentido da (re)apropriação múltipla destas mesmas lógicas, ou mesmo na produção das próprias lógicas espaciais é um desafio. O uso de linguagens diversas podem são possibilidades com a qual vimos lidando desde a criação desse Programa No curso de Geografia/UFGD.

De acordo com Oliveira Jr. e Girardi (2011):

Abordar as diferentes linguagens é entendê-las não estritamente como elemento de um processo de comunicação, mas como fundamento de um processo de criação, de produção de pensamento sobre o espaço. (OLIVEIRA JR e GIRARDI, 2011, p.4)

Estamos em sintonia com os autores na medida em que vimos aprofundando o debate acerca dos conceitos, valores e conhecimentos pertinentes ao saber geográfico, mas, sobretudo, vimos ao longo processo de formação realizado pelo PIBID de Geografia, discutindo sociedade. Para além do conteúdo, que acaba sendo definido a partir do trabalho desenvolvido e planejado pelas professoras das escolas (supervisoras no projeto),vimos desenvolvendo temas transversais, vinculados a questões em discussão nas redes sociais, na imprensa, mas também na política, no cotidiano particular de cada um, da rua, da escola. A polêmica da desigualdade veio a tona no processo de eleições 2014. Sobretudo, ficou *cartografada*, um mapa do Brasil em vermelho e azul, e que foi uma imagem usada como instrumento eleitoral a partir do resultado do primeiro turno da eleição presidencial.

O resultado final da eleição presidencial trouxe um resultado apertado. Um país eleitoralmente cingido quase ao meio: pobres x ricos. O debate sobre a questão da realidade vivida e apropriada como conhecimento, como saber é permeada pela ideologia e nos debruçamos a compreender porque a realidade não o é de fato. É uma aparência da realidade. Em que medida, compreender a sociedade e suas relações interfere no nosso cotidiano? Na geografia? Na nossa prática?

As intervenções realizadas nas turmas do ensino médio deram-se com base no uso de linguagens alternativas para o contexto escolar, com objetivo de discutir as desigualdades sociais no interior do planejamento que tinha como conteúdo educação ambiental. A intervenção com tema transversal "Desigualdades Sociais", em meio ao tema educação ambiental, trazia dificuldades, mas como desafio uma primeira condição seria a possibilidade de motivação dos alunos e reflexão sobre condições vividas. Do ponto de vista dos instrumentos de produção do conhecimento, a opção foi pelo uso de fotografias e vídeos.

Desenvolvimento das atividades

Como proposta do primeiro semestre, foi decidido elaborar intervenções onde pudesse ser tratado de forma transversal o tema "Desigualdades Sociais" ao conteúdo escolar planejado pela professora de geografia que é também supervisora no projeto PIBID Geografia UFGD, sendo abordado na primeira fase do ano de 2015.

Na turma da escola estavam sendo abordados conteúdos referentes ao Meio Ambiente na disciplina Geografia, dessa forma, consideramos pertinente abordar a

temática pelo viés da Educação Ambiental, à partir do Meio Ambiente Urbano, onde poderíamos ter mais facilidade de compreensão do aluno, pois parte de sua realidade concreta, assim como, pela facilidade de acesso para as possíveis atividades avaliativas.

Nesta fase do Pibid, nós decidimos por alternar os recursos entre vídeos e fotos. As aulas teriam então, provocação ao debate, auxiliada por trechos de documentário fílmico, documentário com animação e animação artística, para que pudéssemos abordar conceitos fundamentais sobre a sociedade que ao mesmo tempo demonstrassem as contradições e dessem conta de abordar basicamente, o modo de produção e suas consequências, tanto para recursos naturais, como para a divisão desigual das riquezas produzidas, fomentadas pelo consumo desnecessário de bens não duráveis, que para serem produzidos demandam grandes quantidades de matérias primas e que usadas de forma predatória, se torna uma prática que a médio e longo prazo, se torna insustentável.

No planejamento das aulas, procuramos dialogar com a ideia de uma abordagem didática, baseada na linguagem como expressão/produção Criadora. (OLIVEIRA JR e GIRARDI, 2011, p.4)

Desta forma, decidimos optar pelo “despertar crítico” dos alunos através da compreensão do nosso modo de produção, para que pudéssemos avançar para o momento da produção de imagens feitas pelos próprios alunos, de acordo com as suas percepções, para que pudessem captar através da fotografia e vídeo, as desigualdades sociais que se destacam na paisagem da cidade de Dourados.

Trabalhar a categoria “Paisagem”, proporciona uma forma de exercitar o olhar sobre o mundo, vendo através da produção do espaço, as contradições intrínsecas do próprio modo de produção capitalista. A paisagem do Meio Ambiente Urbano dá conta de expor as contradições da lógica da concentração, da especialização cidade e de seus bairros, de acordo com as diferentes frações de classe social. As diferenças da estrutura e serviços disponíveis nos diferentes bairros são expressivas, mas as condições de saneamento básico é a mais gritante, acompanhada da arquitetura das casas, prédios residenciais e comerciais.

Foram planejadas executadas cinco intervenções em uma turma do 1º ano, que teve seu primeiro contato com o PIBID, assim, buscamos na primeira aula, fazer a devida apresentação do projeto, explicando que nessas intervenções, teríamos a liberdade de “fugir” da rotina escolar tradicional em sala de aula, abordando transversalmente ao que eles estudam nos livros didáticos, temas relevantes de nossa sociedade, como “Desigualdades Sociais”.

Na primeira intervenção, após apresentação, começamos exibindo o vídeo “MAN “ e título em português “Homem capitalista” de Steve Cutts¹, que mostra de forma caricata a apropriação dos recursos naturais pelo capitalista de forma cruel e irracional. Esse vídeo foi para provocar os estudantes, pela frieza e pela alegria que este capitalista destrói o meio ambiente para a obtenção desenfreada do lucro, sem levar em consideração a qualidade de vida das pessoas e da preservação do planeta.

A reação da maioria dos alunos deixou evidente que não estavam acostumados a ver essa forma de apropriação da natureza e dos recursos naturais. Aos poucos

¹<https://www.youtube.com/watch?v=J2h5ocPRD84>

percebemos, pelas perguntas e questionamentos, que a mentalidade consumista, tão bem difundida pelos meios de comunicação, tanto para o lazer, quanto para publicidade comercial, deixa sua marca muito enraizada nos adolescentes, tanto é que houve estranheza ao observarem a animação.

Na segunda intervenção, exibimos o vídeo “Story of Stuff”, dublado. Neste vídeo, a apresentadora, usa um recurso de animação, ao qual explora toda cadeia produtiva da indústria, desde a captação da matéria prima, produção, até a comercialização do produto ao consumidor comum. Esse vídeo mostra que o mundo é um sistema fechado, logo, o modo de produção funcionando de forma linear, gera um sistema em crise, ou seja, os recursos não estão se renovando como se anuncia e se pensa em senso comum – como se não fossem acabar –, mas pelo contrário, eles estão se esgotando, desertificações acontecendo, erosão dos solos pelo uso abusivo da agricultura, a poluição de mananciais gerando mortandade de peixes, assoreamento de rios, contaminação de lençóis freáticos e reservatórios de água para abastecimento de cidades, que refletem na nossa qualidade de vida.

Na terceira intervenção, buscamos esclarecer e justificar o porquê de nossas duas primeiras aulas terem sido para mostrar a lógica predatória do modo de produção capitalista.

O que acontece é que muitas empresas, ganham “selos verdes” de qualidade, prêmios e benefícios tributários inclusive, por estarem de acordo com normas que respeitam a natureza, quando na realidade, é só uma fachada. Demonstramos que a Educação Ambiental não é algo em si, mas entender a relação homem/natureza no contexto da sociedade capitalista nos possibilita capacidade crítica de perceber se aquilo que uma empresa diz estar fazendo de benéfico ao Meio Ambiente o é de fato.

Fugimos por esse viés do “adestramento ambiental”, que tem o pressuposto de conscientizar, quando na realidade, educa de forma acrítica o cidadão, que perde a capacidade de julgar uma possível falácia e “compra” a ideia de que o produto que ele consome, vem de uma empresa que ajuda o Meio Ambiente, quando na realidade ela só está usando de uma estratégia publicitária para ter uma boa imagem no mercado, salvando o pássaro na Amazônia e matando os peixes do rio local, contaminando suas águas.

Na quarta intervenção, a intenção foi desconstruir a imagem de mundo, tão fortemente difundida pela grande mídia em suas programações e todo reforço dado a esta visão hegemônica através de publicidades comerciais ao qual as grandes corporações, através do consumismo e de suas marcas, condicionam as pessoas a seguirem um padrão de vida que gera desigualdades na sociedade.

Assim, buscamos em Santos (2000), das ideias contidas em sua obra “Por Uma Outra Globalização”, onde o Geógrafo e Intelectual propõe a existência de três mundos globalizados num só: o mundo como fábula, tal qual nos fazem crer; o mundo como perversidade e o mundo como possibilidade, inspiração para a escolha do trecho do documentário de Silvio Tandler “O mundo Global Visto do Lado de Cá”.²

²https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM

Aqui o objetivo era de fato desconstruir a ideia de que o mundo sempre foi assim e sempre será, de que o mundo é um lugar onde todos tem a chance de terem conforto na vida, onde todos terão uma chance de vencer.

Essa ideia, de liberdade que o capitalismo prega, é confrontada diariamente no cotidiano dos alunos pela realidade concreta, onde as dificuldades e contradições são gritantes, mas mesmo assim, invisíveis, banalizadas. Estimular o estudante ter o *insight* de que há um sistema de exploração, que é excludente, que gera desigualdades sociais e que essas desigualdades não são resultado de “falta de força de vontade”, de ser vagabundo, ou não ter a capacidade de “vencer” na vida, era o desafio e objetivo.

O sistema capitalista deve ser desmascarado nesse sentido. Mas como? Este é o momento em que solicitamos que os alunos, ao percorrerem o caminho de casa, se atentassem para as diferentes paisagens, e que através da visão deles, realizassem o exercício de (re)conhecer as desigualdades e fotografassem ou filmassem estes lugares, estas paisagens.

Em nossa última intervenção nos dispusemos a debater o resultado do trabalho solicitado na intervenção anterior. O exercício de captar por fotografia imagens que os alunos consideraram serem pertinentes, sobre a desigualdade social em paisagens de seu cotidiano proporcionou momento de franca atividade.

Eles, ao exibirem suas imagens e vídeos, explicavam o que tinha chamado a atenção nessas imagens, demonstrando seus pontos de vista. Falaram sobre formas, casas, estabelecimentos de saúde e equipamentos urbanos.

Alguns alunos compilaram as imagens em forma de vídeo, outros somente trouxeram fotos e teve quem preferiu desenhar.

Houve quem utilizou imagens da internet, mesmo tendo sido solicitadas imagens feitas por eles, mas o importante foi que se dedicaram a olhar ao seu redor e reconhecer.

Logo abaixo, selecionamos alguns trabalhos que trouxeram fotos, desenhos, imagens produzidas a partir da pesquisa realizada pelos estudantes.

Trabalho 1: Retrata acesso à saúde pelas diferentes classes sociais



Nesta comparação de imagens, ficou evidente ao estudante a diferença entre atendimento de uma clínica médica particular e uma unidade pública de pronto atendimento médico.

Nesta comparação, eles explicaram sobre a diferença da movimentação de pessoas nestes dois locais, enquanto em uma há muitas pessoas, no outro não há ninguém. Foram questionados sobre o que isso significa e disseram que na UPA, onde o serviço é oferecido pelo SUS, as pessoas precisam estar lá para garantirem vagas e que no Hospital do Coração, o serviço é oferecido para pessoas que tem planos de saúde e assim, tem suas consultas agendadas. Ainda que seja simplificada essa análise, essa diferença, tanto na paisagem, como na dedução por eles feitas revelam a desigualdade social no acesso à saúde.

Trabalho 2: Retrata diferenças sociais - moradia



Nesta outra comparação, os alunos registraram a desigualdade social através da aparência das casas, por suas arquiteturas e condições de conservação nestas duas fotos, tiradas na mesma rua do bairro da escola, Verificando então, que mesmo tendo uma proximidade de localização, a desigualdade social acontece.

Trabalho 3: Diferenças na infraestrutura e serviços pelo governo municipal



Na comparação feita na imagem do trabalho 03, os alunos perceberam e argumentaram que há desigualdade no cuidado e atendimento pelos órgãos municipais responsáveis pela manutenção das condições das ruas, de responsabilidade da prefeitura de Dourados, e deduziram que isso ocorre por conta da diferenciação de renda das pessoas que moram nestes bairros. Bairros de pessoas mais abastadas, de classe média alta tem melhores ruas, conservação e consequente valorização dos imóveis. Bairros de pessoas de classe média baixa e baixa sofrem com o baixo nível de acesso a pavimentação, e quando há asfalto, não há manutenção.

Estas fotos foram tiradas em bairros diferentes. Mesmo não tendo um ângulo privilegiado dos lugares nas fotos, se pode perceber que as ruas e calçadas são melhores na foto da direita e isso que chamou a atenção deles.

Ainda, avaliamos desenhos como Trabalhos

Trabalho 4: Desigualdade social e condições existência 1



Trabalho 5: Desigualdade social e condições existência 2



Os Trabalhos 4 e 5 retratam a diferenças e desigualdade social sobre moradia e renda, em que uns tem casas confortáveis, com dois pisos e outros que moram numa casa pequena, com materiais frágeis e com pouco ou nenhum conforto.

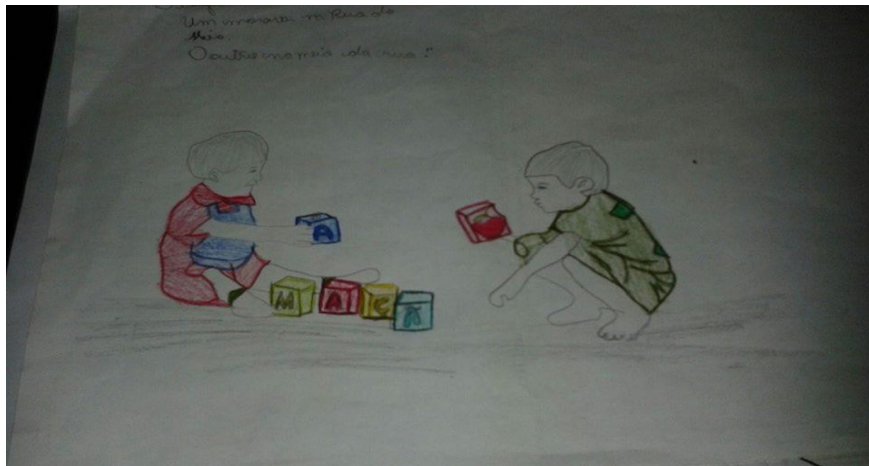
O Trabalho 5, inclusive, expressa o conflito racial. Embora inconsciente, uma vez que tal questão não foi abordada, o desenho deixa claro a escolha de um menino branco, bem vestido, com um saco de dinheiro, enquanto o outro, pobre e aparentemente mal vestido, descalço, é “marron”, uma cor de pele nitidamente escura. As entrelinhas da imagem demonstra a representação de uma população preta e parda fadada a pobreza, como de fato tem sido, historicamente no Brasil. A imagem nas entrelinhas pode ser a representação de um pensamento dominante, ideológico, mas pode também proporcionar a crítica e esse é um aspecto positivo do nosso fazer: permitir leituras do mundo sob outros instrumentos, para além do conteúdo.

Trabalho 6: Desigualdade social e condições existência 3



O título do desenho “Uns com tudo, outros com nada” aborda esta relação existente na sociedade, onde uns somente produzem o lixo, enquanto outros dependem do lixo para viver. Uma realidade vivida em Dourados, que parte principalmente da observação de indígenas que circulam na cidade e catadores que aproveitam qualquer material reciclável para gerar renda. No caso dos indígenas, é o de aproveitar algo que seja útil e não como principal fonte de renda, como acontece com os catadores. Mas quando foi perguntado que são essas pessoas, os indígenas são os mais citados, quando na realidade, é o contrário.

Trabalho 7: Desigualdade social e condições existência 4



No desenho o título: “Um mora na rua do meio, o outro, no meio da rua”.

No último dia de intervenções da primeira fase, foi o momento em que se percebeu a turma compreendendo de fato a proposta, como se de repente tudo começasse a ficar mais claro e evidente. Mesmo que tenha sido solicitadas imagens em fotografia, houve essas duas representações pictóricas e de certa forma, contribuíram com o trabalho e nos lembra de que cada aluno e aluna são diferentes.

Do resultado esperado, mesmo que as imagens não tenham avançado como imaginamos, sobretudo na relação homem/natureza; as apresentações, explicações e os questionamentos por eles elaborados foram um salto qualitativo. Os alunos participaram muito mais e se fortaleceu a relação de confiança entre nós e eles, sendo assim essencial para a continuidade do projeto desta segunda fase que trará como tema a “Crise Hídrica”.

Considerações finais

Trabalhar com diferentes linguagens nos permitem experiências novas.

Na linguagem fotográfica e fílmica, se percebeu que os estudantes ao produzirem estes materiais e revisá-los, despertaram para outra forma de analisar os

elementos numa fotografia, por exemplo, que é um recorte imagético de um lugar ou sujeito observado e onde os elementos da paisagem de repente, ao ser analisados e discutidos em sala de aula, tornam evidentes algumas questões que não se via antes, como se de repente, começasse a “saltar aos olhos” aquilo que antes era banal, sem importância.

Este trabalho alcançou em parte os resultados esperados, e os motivos vão desde ao tempo curto em sala de aula, de apenas um período de cinquenta minutos semanais, até as questões relacionadas ao próprio currículo, que obrigatoriamente devem respeitar os conteúdos da disciplina de Geografia exigidos pela Secretaria de Educação do Estado do Mato Grosso do Sul.

É difícil elaborar um trabalho dentro da disciplina de Geografia, na rede básica e de forma transversal, quando isso implica suprimir tempo da professora que deve atender as exigências curriculares e de avaliação. Pois a ideia do PIBID não é ser um reforço escolar, mesmo que tenhamos em mente que vamos utilizar como ponto de partida o que está sendo abordado em sala de aula pela professora da turma, e logo, a nossa proposta é utilizar esses conhecimentos transversais para que eles desenvolvam conceitos e crítica qualificada e que assim, possam ter um maior aproveitamento dos próprios conteúdos utilizados nos livros didáticos.

Depois dessas experiências, imagina-se que os estudantes, e nós, futuros professores de Geografia, jamais voltaremos a olhar um lugar com o mesmo olhar, porque uma vez estimulados, a paisagem se torna mais complexa, mais rica de elementos, signos que começam a ser notados e na maioria das vezes ainda incompreendidos, mas mesmo assim, não passam mais despercebidos.

Ao longo dessas intervenções, buscamos fazer com que o aluno deixasse de ter uma posição passiva em sala de aula, para que possa se reconhecer enquanto estudante, e não somente como aluno. Dessa forma, buscamos ir devagar com as provocações, já que este foi o primeiro contato deles com este projeto, assim buscamos trazer elementos novos, para que pudessem ter um mínimo de fundamentação teórica a respeito das desigualdades, para daí podermos trabalhar o olhar deles através da fotografia e vídeo, aproximando-os da ideia de ver o mundo com outros olhos, se sentindo assim, parte desse processo de construção do conhecimento, tendo no diálogo, a experiência de estarmos aprendendo e descobrindo juntos sobre o que está sendo apresentado nas imagens e o que estas passam então a significar.

Referências Bibliográficas

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. et. al. Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. 2. ed. – Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1999. P. 57-63.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslau Machado. GIRARD, Gisele. Diferentes Linguagens no Ensino de Geografia, Disponível em :<<https://poesionline.files.wordpress.com/2015/02/oliveirajgirardi-20111.pdf>>. Acesso em outubro de 2015.

KAECHER, Nestor André A. "Quando a geografia crítica pode ser um pastel de vento". Mercator. Revista de geografia da UFC, ano 03, número 06- Fortaleza, -2004. 60p.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

<https://www.youtube.com/watch?v=wnXnYSBJfZo>

https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM

<https://www.youtube.com/watch?v=7qFiGMSnNjw>